

Secção Religiosa

CARTA PASTORAL SOBRE O PROTESTANTISMO

(Continuado do n.º anterior)

IV

fortaleza para affrontar os mais temerosos perigos e vencer os mais terríveis obstaculos; lhe inspirará todos os engenhosos recursos do zelo pela casa do Senhor; lhe robustecerá a paciencia contra os ultrajes e investidas dos maus; lhe porá nos labios a doçura, a unção, a misericordia, a persuasão; lhe insuflará no coração o ardor inexaurível da caridade que, dominando os temores e repugnancias da natureza, o leve intrepido para o meio dos infermos, dos empestados, dos afflictos, dos infelizes, dos presos, dos presidiarios, dos selvagens, a curar-lhes o corpo e a alma, a consolal-os com palavras boas e salutaes, a derramar-lhes nas trevas da intelligencia torrentes de luz celestial.

Que importa, repelimos, que a terra pague com ingratião ao sacerdote os seus suores, fadigas, sacrificios, dedicações, beneficios immensos? A sua maior esperança está n'outra parte; a sua merecida recompensa, reserva-lh'a magnifica, no ceo, Jesus Christo, o seu Salvador, o seu divino Mestre.

E' triste, é doloroso que haja quem, não comprehendendo o elevado poder e a sublime dignidade de que se acha revestido o sacerdote, não só o despreze, mas até o julgue um membro inutil da sociedade! Inutil, elle a quem um Deus encarregou de instruir as nações e de as baptizar em seu nome! inutil, elle a quem um Deus conferiu a judicatura das almas, prometendo que confirmaria no ceo as sentenças que elle proferisse na terra! inutil, elle a quem um Deus obedece, baixando aos altares do mundo todas as vezes que o chama entre os homens, para ser o seu alimento eucharistico e objecto visivel da sua adoração! inutil, aquelle que recebeu d'um Deus a missão mais grandiosa, mais social, mais excelsa, porque é divina!...

Ah! lamentemos esses extravios da razão humana, e oremos para que o chamamento de Deus se multiplique, e se faça ouvir ás almas puras e candidas, e para que a Igreja possa cultivar essas vocações nascentes, e formar numerosos e sanctos sacerdotes que trabalhem na sanctificação das almas e na dilatação do reino de Jesus Christo.

São tam necessarios! Nas epochas de epidemias, é que mais precisos e apreciaveis se tornam os sabios medicos do corpo; nos tempos de descrença, são indispensaveis numerosos e bons sacerdotes, sollicitos e preciosos medicos da alma.

A. MOREIRA BELLO.

O SACERDOCIO legitimo com missão divina é ainda outra condição indispensavel da verdadeira religião; porquanto o corpo de doutrina seria letra morta, senão houvesse quem a posesse em execução. Demais, sendo a religião o laço que liga a creatura com o Creador, é indispensavel que alguém faça as vezes de Deus nosso Senhor sobre a Terra, para apertar esse laço, e para dispensar aos homens de modo sensivel e seguro os beneficios que o mesmo Senhor lhes concede, em virtude d'essa alliança. E' pois pelo sacerdocio que se effectua tão grande bem.

E como o sacerdote é um verdadeiro enviado (*Apostolus*) ou antes procurador de Deus, só por Elle pode sér investido em tão grande poder e alta honra; e portanto carece de missão divina. Alem da razão assim o mostrar, S. Paulo o confirma expressamente dizendo (1): *Ninguém pode arrogar a si esta honra (do sacerdocio) senão o que é chamado por Deus, como Arão. De modo que nem Christo se glorificou a si mesmo como pontifice, mas glorificou-O Aquelle que disse: Tu és meu Filho, eu hoje Te gerei; e em outro logar: Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melchisedec.*

E com effecto desde o principio do Mundo houve sempre na verdadeira Religião sacerdocio legitimo escolhido e autorisado por Deus nosso Senhor. Nos primeiros tempos forão os patriarchas; pela Lei positiva foi depois designada uma tribu para o culto divino, e depois prescriptas as ceremonias da sua consagração (2), sendo Arão e seus Filhos designados e consagrados sacerdotes; e nosso Senhor Jesus Christo escolheu doze homens, aos quaes unicamente deu o poder de ensinar, administrar sacramentos e celebrar o santo sacrificio da missa, com o poder de transmittirem estes poderes a seus successores (3). Fora d'esta origem e successão não ha verdadeiro sacerdocio.

De tanto rigor era este ponto de disciplina na antiga Lei, que foi imposta a pena de morte a quem se atrevesse a ministrar no culto divino, que não estivesse para isso competentemente autorisado (4).

E com effecto porque o Rei Saúl se atreveu a offercer sacrificio ao Senhor, ainda que de boa fé, suppondo que por necessidade o fizera, foi por isso sua descendencia privada do throno (1). Oza, porque lançou mão á Arca santa, que parecia em risco de cahir d'um carro, em que era conduzida, foi fulminado com a morte (2). Em o novo Testamento Simão mago foi asperamente reprehendido por pertender, sem vocação, privilegios sacerdotaes (3). E nosso Senhor Jesus Christo declara positivamente (4) que quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas por outra parte, é roubador e ladrão. O que se refere aos pastores da sua Igreja, da qual é Elle a unica porta. Aquelles porem que entrão por essa porta, declara S. Paulo (5) que *devem ser considerados como ministros de Christo, e dispensadores dos mysterios de Deus.* Tal é o sacerdocio catholico.

Portanto fica evidente que sem sacerdocio legitimo com missão divina, não pode haver verdadeira religião. E é o que se dá no protestantismo, onde nem o nome se conserva de sacerdote; e com razão, porque n'estas seitas não ha sacrificio, nem sacramentos a administrar; e portanto n'ella não se carece de sacerdocio.

Os seus chamados ministros, bem ligados á Terra por sua mulher e filhos, gozando de pingues ordenados, não passão de empregados publicos, sem missão alguma divina; e só com a de illudir e perder almas com um zelo que não provindo, como não pode provir de Deus, já se sabe donde provem.

Eis-aqui a que se reduz um ministro protestante, um mercenario, que pelos bons proventos que recebe, forceja por nos roubar o que pode haver de mais importante n'este Mundo—a esperança á nossa salvação; prosternando para isso todos os direitos divinos e humanos, offendendo nossas legitimas crenças e as leis do Reino, e offerecendo apenas em troco a vantagem de se viver comodamente n'este Mundo, sem cuidados na vida futura, imaginando cada um para si uma religião a seu modo; ou antes vivendo sem religião nenhuma. E' o systema de Satanaz, começado a applicar no Paraizo terreal, e que tão funestos resultados tem produzido em todos os tempos.

V

As pessoas que pretendem salvar-se, e que a isso tem direito pelos merecimentos de nosso Senhor Jesus Christo,

(1) Hebr. V, 4 a 5.

(2) Exod. XXIX, 1 a 9—Lev. VIII.

(3) Joan. XV, 16.

(4) Nun. III, 10.

(1) I, Reis XIII, 9 a 14.

(2) II, Reis VI, 6 e 7.

(3) Act. VIII, 18 a 24.

(4) Joan. X, 1.

(5) I, Cor. IV, 1.

formão uma associação privilegiada, chamada Igreja catholica, considerada como esposa amada do mesmo Senhor (1); fóra da qual não ha salvação. As notas ou qualidades essenciaes d'esta associação são as seguintes: UMA, SANTA, CATHOLICA E APOSTOLICA.

A nota designada pela palavra UMA quer dizer que todos os membros d'essa associação teem o mesmo corpo de doutrina, a mesma fé, o mesmo magisterio, os mesmos meios de santificação, e o mesmo sacerdocio. E com effeito assim acontece na Igreja catholica; porque se alguém se affasta d'esses pontos essenciaes, por este facto fica separado da mesma Igreja. Nosso Senhor JESUS CHRISTO, declara expressamente ser a porta por onde se entra para a mesma Igreja, pela qual quem entrar se salvará (2). N'outra parte (3) compara a sua Igreja com uma videira, da qual o mesmo Senhor é o tronco, e os fleis os ramos, os quaes, estando unidos, produzirão muito fructo, cortados porem só poderão servir para lenha. E n'outra parte pede a seu Eterno Pae que conserve todos os membros da sua Igreja tão unidos como está com Elle (4); e orando pelos homens, só por estes pede, e não pelos outros (5).

Os protestantes desgraçadamente romperam esta unidade. Os seus antepassados até ao seculo XVI fizerão parte da mesma Igreja; mas então, por motivos que o não honrão, d'ella se separaram, a pretexto de se achar sua mãe, a esposa de nosso Senhor JESUS CHRISTO, corrompida, attribuindo a si a grande caridade de quererem ensinar o Espirito Santo, e de reformarem a verdade e a santidade!!! Achão-se pois estes reformadores dos outros não só separados voluntariamente da Igreja de Deus, portanto reduzidos á qualidade de lenha, que só serve para o fogo, como diz nosso Senhor JESUS CHRISTO; mas de tal modo divididos entre si na sua crença e costumes, que quasi cada um teria sua religião differente; se religião se podesse chamar o systema que adopta para conseguir o que pretende.

A segunda nota da Igreja de Deus é ser SANTA. E é indispensavel que o seja, porque, tendo por fim formar santos, ninguem pode dar o que não tem. Com effeito ella é santa pelo seu divino Chefe, pela sua doutrina, pelos meios de santificação que emprega, e pelos santos que gera, confirmados por verdadeiros milagres. São Paulo chama á Igreja (6) *gloriosa, sem mancha, nem ruga, nem outro algum defeito semelhante, mas santa e immaculada*. E ainda que esta pas-

sagem se refira á Igreja triumphante, é certo que as manchas que lanção na Igreja militante seus membros imperfeitos, não destroem a santidade de uma corporação que de sua natureza é santa, e que tem por fim gerar santos.

Pelo contrario lancemos rapida vista sobre a santidade das seitas protestantes. Seu primeiro autor foi Luthero frade apostata, amancebado escandalosamente com uma freira, cynico libertino, entregue inteiramente a gozos brutaes. Seus Apostolos forão Calvino, tambem ecclesiastico, accusado de costumes vergonhosos, e que se diz ter sido por isso marcado pelo carrasco; homem intolerante, feroz e sanguinario; Zwinglio não só ecclesiastico, mas parochio, que declarou solemnemente perante seu Bispo que havia dois annos era dominado por paixões vergonhosas, e que ia casar, para legalisar a sua posição. Henrique VIII, rei d'Inglaterra, que d'antes tinha refutado os erros de Luthero, tornou-se depois seu defensor, porque o Summo Pontifice não annullou seu primeiro casamento. E a sua santidade foi tal, que casou com seis mulheres, que ia mandando matar á proporção que d'ellas se desgostava.

A causa primaria por que Luthero se revoltou contra o Papa e a Igreja catholica, foi despeito por não ser encarregada a Ordem a que pertencia de publicar certas indulgencias; Calvino e Zwinglio para se entregarem inteiramente ás suas paixões immoraes, e Henrique VIII para mudar seis vezes de mulher!!!...

(Continúa.)

LIÇÃO A BISPOS

Não é com intenção de offensa, nem mesmo com a de ensinar aos nossos Bispos os deveres que o alto cargo a que foram elevados lhes impõe; é antes um preito prestado á verdade, e ás altas qualidades episcopaes que ornaram o caracter venerando de S. Ex.^a R.^{ma} o Snr. Bispo de S. Paulo, no Brazil, D. Lino.

Nem é porque nós não tenhamos em Portugal Prelados de tal tempera, nem mesmo por quereremos negar virtudes taes as que distinguem o sabio Bispo D. Lino. Nada d'isso. E' que ha Prelados, dotados de rara intelligencia, submissos respeitadores das leis da Igreja, e strenuos defensores dos seus Dogmas; mas a falta de lembrança, e, muitas vezes, os respeitos que julgam dever ao Cezar, não os deixam olhar bem para Deus, e d'aqui o reparo de muitos catholicos para certos actos, que são, olhados verdadeiramente, uma falta, um despeito pelas venerandas tradições do Episcopado.

Assentado, pois, que não nos dirigimos a este ou áquelle Prelado, nem mesmo aos d'esta ou d'outra nação, transcrevemos do *Thabor*, excellente periodico de S. Paulo, no Brazil, a seguinte representação, que S. Ex.^a R.^{ma} o Sr. Bispo diocesano, dirigiu a S. M. o Imperador, protestando contra a lei da desamortisação dos bens das casas religiosas do Imperio.

Eis a representação:

« Senhor!

O respeito, que todos devemos ás sabias disposições de V. M. Imperial no governo do paiz, não nos pode tolher as reclamações que os direitos da Igreja levantam, agora que o decreto regulamentar n.º 9094 de 22 de Dezembro ultimo veio dar execução ao art. 18 da lei orçamentaria de 28 de Junho de 1870, desde então esquecido, tantos foram os protestos, que, da tribuna e da imprensa se ergueram contra a iniqua ingratição, com que pretendia o Governo de V. M. Imperial desamortisar os bens das ordens religiosas no Imperio, já tão cercadas pelo poder civil.

E de feito, Senhor! a lei de 1870, reaviventada depois de mais de quatorze annos de silencio, veio, desconhecendo os direitos, que a Igreja confiara a protecção da lei civil, fazer uma violencia á vontade humana em suas manifestações juridicas mais solemnes e ao mesmo passo difficultrar o desempenho dos fins das corporações religiosas que tem assento n'este Imperio.

Certamente, Senhor! os piedosos instituidores dos bens das ordens religiosas, destinando-os para determinados fins pios, jámais suspeitaram que um dia a propria lei que lhes reconheceu o direito de livre disposição viesse, contrariando-lhes a vontade, dar a taes bens destino diverso, applicação, tão fóra e tão longe de seus sentimentos de piedade.

Illos direitos adquiridos, ha propriedades consagradas pelo tempo e pela lei que é necessario respeitar. A lei garante a estabilidade, sem a qual não ha direitos, pois desaparece a segurança, e a anarchia substitue a ordem, a violencia suprime o direito.

Portanto, Senhor, a desamortisação dos bens religiosos, de que tracta a lei de 1870 bem como o Decreto de Dezembro findo, attenta contra a vontade dos instituidores tão solemne, que a propria lei a consagra e reconhece como estavel e permanente.

Ataca ainda os direitos de propriedade das ordens religiosas. Estas são pessoas juridicas, que a legislação civil investio com direitos a apropriação das couzas, que lhes seriam meios para a consecução de seus fins. Não vale isto desconhecer a intervenção do Estado na reorganisação da propriedade encravada em

(1) Cant. VI, 2. Eph. V, 25, 32.

(2) Joa. X, 9.

(3) Joa. XV, 1 a 7.

(4) Joan. XVII, 21.

(5) Ibid. 9.

(6) Eph. V, 27.

seu territorio; mas V. M. Imperial bem sabe que uma couza é reorganisar a propriedade no sentido de protegê-la, garantir-a, animal-a, e outra é o meio extraordinario de uma desapropriação forçada como esta, uma verdadeira substituição de bens por outros, sem se attende que os bens dados em troca não preenchem os fins, a que se apropriaram os bens substituidos.

Se tal ainda não basta, peço licença para lembrar a V. M. Imperial, que esses bens não ficaram inertes sob a administração das ordens religiosas. Seria mister riscar a historia para desconhecer quanto hão concorrido as ordens religiosas no Brazil para o engrandecimento intellectual e moral do Imperio.

Não lucra a riqueza nacional pondo em gyro profano esses bens, cerceando às ordens religiosas meios com que cumprem o fim para que foram instituidas. N'este vasto paiz, onde talvez dous terços de seu territorio ainda estão por occupar em proveito da economia social, não serão poucos predios de ordens religiosas que ficarão entorpecendo o desenvolvimento da riqueza do paiz.

E ainda quando tal acontecesse, bem sabe V. M. Imperial que a economia do engrandecimento nacional não se deriva somente dos elementos materiaes da industria, do commercio, da agricultura; e que na parte da preponderancia moral são inenarraveis os serviços que ao paiz tem prestado as ordens religiosas.

Em fim, Senhor, doe-me n'alma de cidadão e de Bispo da Igreja de Deus vêr posta completamente de lado a indeclinavel autoridade da Santa Sé tratando-se de um assumpto, no qual nem os proprios possuidores tem competencia absoluta por direito sem approvação do Santo Padre.

Taes são, Senhor, os motivos, pelos quaes, no cumprimento de um dever ineluctavel, venho perante V. M. Imperial apresentar este protesto, que comigo assignam outros sacerdotales representantes do Cabido, dos Conventos d'esta Diocese e do Clero d'esta capital.

Rogo a Deus que a reconsideração de semelhantes leis se imponha ao esclarecido e religioso espirito de V. M. Imperial, que não deve permitir tamanha espoliação.

Sou com todo o respeito e consideração, Senhor,

De V. M. Imperial

reverente e fiel súbdito

✠ LINO, Bispo de S. Paulo.

Seguem-se á de S. Ex.ª R.ª as assignaturas de trinta e seis ecclesiasticos, entre os quaes se notam Conegos, D. Abades, Doutores, etc. etc.

Exemplo em verdade digno de imitar-se, porque, se os Bispos se oppozer-

sem sempre ás demazias e desvarios dos governos, os negocios religiosos teriam corrido melhor, e não seriam tantas as expoliações feitas á Egreja, em quasi todos os paizes, e por diversos modos.

Mil louvores endereçamos a S. Ex.ª R.ª o Snr. Bispo de S. Paulo, d'aqui d'esta terra onde nascera a monarchia portugueza, fermento d'essa nação gigante que fez o Brazil, onde temos a gloria de ver um Bispo digno descendente dos discipulos de Jesus Christo, que, de frente erguida, fallavam ao Cezar dos deveres que temos para com Deus.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Scientifica

O PROBABILISMO

II

O SABIO auctor da *Theoria do probabilismo*, Marie-Ambrosio Potton, divide a sua obra em tres partes: na primeira declara em que consiste o novo systema theologico que elle excogitou; na segunda elucida e prova varias proposições de que elle se compõe; na terceira defende-o contra algumas objecções.

Não é nosso fim aqui o desenvolvermos este assumpto, mas só dizer alguma cousa que excite os sabios e as pessoas competentes a estudar esta questão que é o alicerce da theologia moral.

Comtudo citaremos da obra de P. Potton o capitulo primeiro, onde o auctor estabelece o problema tão debatido do *probabilismo*.

Diz assim:

«Nada seria de mais ditoso e feliz do que, se qualquer homem, posto em quaesquer circumstancias, sempre clara e *directamente*, sem algum respeito aos *principios reflexos*, conhecesse a que leis e preceitos é obrigado, o que deve fazer, e o que deve evitar, para que seja livre de peccado.

«Mas na pratica não é assim. Não só os homens rudes, mas ainda os sabios, e até os mais sabios, muitas vezes duvidam se tal lei, que agora devem executar, na realidade exista, se é legitima, se cahiu em desuso, se se estende a tal caso, se foi *sufficientemente* cumprida pelo acto precedente, etc.

«Que deve, pois, fazer o homem constituido em presença d'uma lei mais ou menos duvidosa?... Poderá dizer em geral: «Se a lei é duvidosa, não sou obrigado a cumpril-a?» Deverá, pelo contrario, concluir em geral: «Porque a lei é duvidosa, sou obrigado a cumpril-a?» Ou, finalmente, haverá logar á distincção, de sorte que a lei duvidosa algumas vezes deva considerar-se como obri-

gatoria, e outras vezes como não obri- gatoria? E, n'esta ultima sentença, de que circumstancias dependerá a diversidade do juizo que se ha de dar ácerca da obrigação da lei?»...

«Eis aqui o *problema da probabilidade* que ha tanto tempo tem não pouco exercitado os ingenhos dos theologos, e que eu, na presente dissertação, intento resolver segundo a medida das minhas forças, comtudo mais theorica do que praticamente (como indica o titulo da minha dissertação), porque ao presente mais cuidoo dos principios da sua solução do que da sua applicação aos casos particulares e á pratica.

«Todos vêem quanto esta questão é momentosa; porque as duvidas de que trata são frequentes na vida quotidiana, e se estendem não a um ou outro tratado de theologia, mas occupam todas as suas partes.

«Ainda que humilde escriptor, seja-me permitido explicar a minha opinião sobre o dito problema, e levar alguma luz, se Deus a der, ás controversias que fervem n'este momento (principalmente entre os reverendos PP. Redemptoristas e os reverendos PP. Jesuitas).

«Se eu fôr menos bem succedido, comtudo alguma verdade poderá encontrar-se nos meus argumentos, o depois, nas mãos d'algum mais douto, não carecerá talvez de utilidade.»

Em seguida o P. Potton demonstra a sua proposição com todos os argumentos, e responde a algumas objecções que se tem feito ao seu systema theologico-moral.

Se foi ou não feliz no seu proposito, julgue-o o leitor competente a quem não fôr estranha esta difficil questão do *probabilismo*.

Já de ha muito temos assentado a nossa opinião ácerca d'este ponto tão controvertido entre os theologos moralistas: seguimos a doutrina de Santo Afonso Maria de Liguori, que é hoje geralmente adoptada, como é de rasão, por todos os bons theologos modernos, como Scavini, Gury, Gousset, Grassi, Moullet e outros muitos que são bem conhecidos dos que tratam de theologia moral.

Sem emitirmos aqui o nosso juizo, não deixaremos de dizer que não nos conformamos *inteiramente* com a these do P. Potton, que certamente terá bastantes contradictores, como effectivamente já tem dous illustres theologos: O P. Gury e o P. Montrouzier, religiosos da Companhia de Jesus.

Estes dous auctores combateram o systema theologico do P. Potton, já sustentado na França por dous presbyteros da congregação de S. Sulpicio.

No entanto advertiremos (e esta advertencia é com especialidade para aquelles que são pouco instruidos sobre esta questão) que tanto uns como outros

theologos são bons catholicos, que não destoam da doutrina da Igreja; e que qualquer dos dous systemas se pôde seguramente seguir em theoria, *salva fide et caritate*. Porquanto é certo que a Igreja ainda até hoje não se pronunciou pró ou contra o *probabilismo*. É uma questão que ella tem deixado à livre disputa dos theologos.

O mesmo P. Potton declara que, exceptuando o ponto do *probabilismo*, em tudo o mais abraça as conclusões praticas de Santo Alfonso de Liguori.

Em todo o caso a obra do P. Ambrosio Potton sobre a *theoria do probabilismo* (1) merece ser estudada, porque está bem escripta, e trata a questão com toda a clareza.

Segundo cremos, é a obra mais recente e notavel sobre o assumpto. Recommendamol-a aos estudiosos e curiosos d'estas materias.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

Secção Historica

OUTRO MANUSCRIPTO

O scisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

2.º ARGUMENTO

ARGUMENTAM-NOS tambem com a tolerancia e silencio do Bispo de Aveiro que era o Bispo mais antigo da metropole, e durante cuja vida se fizeram todas, ou quasi todas as eleições de vigarios capitulares de que tratamos. Como é possivel, dizem, que este Bispo tão conspicuo pelos seus talentos, e virtude soffresse tranquilo, e immovel as desgraças da sua metropole, e não accudisse a seus males com a providencia, que pelo concilio lhe era prescripta?

Resposta

Não ha quem ignore que o Bispo de Aveiro se achava em uma idade assaz decrepita, opprimido de graves molestias, e quasi reduzido a viver encerrado em seu gabinete; n'este estado, e em consideravel distancia da sua metropole, podia muito bem ignorar o que se passasse na Sé de Braga; ou se algumas noticias lhe chegassem a este respeito, podia persuadir-se que na tumultuosa confusão, em que o Reino se achava, no meio da exaltação de tantos partidos contrarios, e maiormente na presença

(1) A obra do P. Potton *De theoria probabilistis* está á venda no Porto, na livraria do sr. Ernesto Chardon.

de um Governo desconfiado, e prevenido contra toda a novidade, que lhe parecesse perturbar a ordem politica por elle estabelecida, e offender a soberania dos seus direitos, podia, digo, persuadir-se que seria absolutamente ocioso, inutil, e até perigoso nomear para a sua metropole um Vigario, que seria certamente repellido e considerada *in limine* a sua providencia como attentatoria contra prerogativas do cabido, offensiva aos Vigarios capitulares por elle eleitos, e até injuriosa ao Governo; assim o Bispo d'Aveiro sem que a sua consciencia o arguisse de *prevaricação* e *vilipendio das Leis do Tridentino*, podia muito bem julgar, que o silencio n'esta melindrosa, e arriscada conjuntura lhe era esperado pela fatalidade das causas, a que lhe era impossivel resistir, e que o unico remedio, ou recurso, que lhe restava, era o mesmo, que confessava ter o grande Papa Pio 6.º no tempo da Revolução Franceza, isto é, os gemidos e as fervorosas supplicas ao Geo.

Os outros argumentos são relativos á eleição do Bispo de Coimbra e confirmação Apostolica: materia da segunda parte d'este opusculo, e que em seu lugar trataremos de resolver.

Conclusão da 1.ª parte

Temos mostrado pela analyse dos factos, que as tres ou quatro eleições até aqui mencionadas, e feitas pelo cabido Bracaraense, foram illegaes, anticanonicas e nullas; que ellas por si mesmas reciprocamente se destroem; e que os argumentos que até aqui ficam allegados, em seu favor *abierunt in auris*.

RESULTADO GERAL

d'esta 1.ª parte

Desde 22 de setembro de 1834, em que falleceu o legitimo capitular Cunha Reis, até ao ponto em que estamos, carece a Igreja Bracaraense de verdadeiro Pastor; os tres capitulares, que depois se lhe deram são verdadeiros *intrusos*, vãos simulacros, sem vida, sem actividade, isto é, sem poder e sem auctoridade verdadeira para governar espiritualmente; não entraram no aprisco pela porta da instituição canonica, mas pela trapeira da prepotencia, e arbitrariedade; não para apascentar o Rebanho, e nutril-o, mas, *tamquam fures, et latrones, para o roubar, para o destruir, e matar*: Todos os actos de jurisdicção, que exerceram, e exercem, são *usurpações* e *attentados sacrilegos*. São igualmente *intrusos* e *vis mercenarios* os parochos, ou *encomendados*, que instituiram. As confissões feitas com Sacerdotes, que não tinham outra jurisdicção, do que a que receberam de taes capitula-

res, *irritas et nullis momenti*. Os clerigos ordenados com taes dimissorias, *suspensos*, e *irregulares*. Os matrimonios contrahidos perante os *encomendados* postos nas igrejas que tinham parochos legitimos, não tendo estes dado para isso commissão, *clandestinos* e consequentemente *nullos*. Os casamentos feitos com dispensas de impedimentos dirimentes, dados por taes capitulares, *criminosos commercios, puros concubinatos* e *incestos*.

Sem adiantarmos mais a enumeração das desordens e escandalos, que diariamente se multiplicavam, basta o referido para se fazer alguma ideia dos immensos males, em que jaz submergida aquella desventurada metropole e só o Geo poderá acudir com prompto remedio a tantas desgraças, e terminar por uma vez para sempre a funesta cadeia de tantas miserias escandalos, e infelicidade.

Lisboa—1884.

(Continua.)

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

CADAVERES

N'um relatorio lido na Academia de Medecina de Paris, *un Savant* afirmou que, no estado actual das cousas, um ente humano é enterrado vivo sobre 5 mil *enterrados*. De outra parte, a Academia de Medecina, na capital da França, chamou a um concurso as provas dos signaes certos de morte; declarando, que sobre os 7 signaes de fallecimento, para assim dizer classicos, um só é certo: a decomposição cadaverica. O mesmo cheiro cadaverico é um signal incerto. De aqui se deduz o nimio cuidado que deve haver antes do enterramento, e assim a assistencia aos cadaveres, que alias poderão ser reputados *taes* sem que o sejam; a *caridade* é a incomparavel sentinella dos cadaveres, e sua incomparavel *vereficadora!* Orando pela alma do fallecido, ou suppondo tal, não abandona o cadaver e só de este se separa quando se faz a inhumação; de tal modo pôde perceber qualquer symptoma que signifique *que ainda ha vida!* Mas deixem a *caridade* em suas *Santas Liberdades* para que *Ella* possa fazer todos os bens e todos de que é capaz! *«monsieur l'esprit moderne, não quer taes Santas Liberdades...»* porem sim as *liberdades corruptas* e *corruptoras*. Se nos Hospitales, e mesmo nas casas particulares, a *caridade* tivesse a entrada, a que tem direito, nem o «1 por 5,000» seria enterrado vivo. Quantos ainda serão sepultados verdadeiros cadaveres,

mas que se tornaram taes desde que os doentes, reputados mortos, foram transformados do leito da doença para o *lugar mortuario!* Quantos outros, mesmo sem aquella transferencia, terão morrido depois de terem sido reputados fallecidos e tractados como taes! Só a *caridade* é capaz de provenir os equivoscos, com responsabilidade ou sem ella, entre a morte verificada e a morte supposta. Se a *decomposição* do cadaver é só a que pôde ser argumento *juris et jure* (como dizem os Jurisconsultos) da morte, segundo a *opinião medica*, é claro que o enterramento antes da *decomposição* é pelo menos *mui arriscado*. Geralmente os enterramentos ou os preparos para elles, sam apressados, e sempre que os cadaveres exalam o cheiro cadaverico, como fica dito, este signal, ainda não é o segurissimo como aliás o é, e já mencionamos, a *propria decomposição*. Quanto à parte medica nós só dizemos aqui o que dizem os *homens da Arte de curar*. O que se passará nos Hospitales a tal respeito? sim, nos Hospitales onde o impulso *mercenario* desconhece a *caridade?* onde em Hospitales *assim* apenas o doente é *reputado* morto é o corpo transferido para a casa mortuaria; e, não assistido, é de algum modo amortalhado, e deixado até que seja conduzido ao cemiterio com outros corpos! Se se podera saber o que se tem dado em *taes circumstancias* o que se *saberia!* pois quando têm sido reconhecidas *hypothese de mortes suppostas* em familias de todo o cuidado e carinho, o que se terá dado nos Hospitales onde o *personal* está mais *por si* do que *por os doentes?* O *argumento* aqui tomado é de grave importancia! attendam-no as Authoridades responsaveis, attendam-no as familias. Por vezes temos ouvido relatar *hypothese* de cadaveres encontrados, mas que se tornaram taes depois de corridas as campas que os subposeram não o sendo ainda! taes *hypothese*s, *embora* não intencionaes, não sam *contos da carochina*; das sabidas poderemos argumentar para as não sabidas. N'isto como em tudo vigore a *Caridade* e a *Prudencia!* do que nos é verdadeiramente impossivel Deos nos não péde contas! é mais que *juridica*, & *Theologica* a *Sentença*—*Ad impossibilia nemo tenetur!*

21-3-84.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

COISAS! COISAS!

Um par qualquer teve desejos de saber se era ou não verdade querer a *Propaganda Fide* estabelecer uma

succursal em Lisboa, ao que o Sr. ministro não soube responder. Outro par, porque os pares é necessario andarem aos pares, recommendou ao governo toda a vigilancia sobre os *manejos tendentes ao estabelecimento de instituições, que ponham em perigo a liberdade.*

O par que assim fallou, e que tanto oncheu de terror os patriotas, foi o Sr. Miguel Osorio! E disse mais, e o que mais disse, forçoso é que se archive. S. Ex.ª disse mais:

«... QUE JULGA QUE É REALMENTE PERNICIOSA PARA A LIBERDADE E PARA A EDUCAÇÃO DA MOCIDADE SIMILHANTE PROPAGANDA.»

D'onde veio este Sr. Miguel Osorio? E' cafe, zulu, ou que qualidade de homem é? Pois em meio de uma assembléa respeitavel, como deve ser a camara dos Pares, ha quem tenha o cynismo de dizer que a Propagação da Fé Catholica é perniciosa para a liberdade e para a educação da mocidade? De quem se ria o Sr. Miguel Osorio ao fallar tão desastradamente? Dos seus collegas, do paiz ou da policia sanitaria?

Fosse de quem fosse, que o Sr. Osorio se risse, nós rimos de S. Ex.ª e lamentamos o estado de decadencia e falta de brio a que chegou Portugal. E dizemos falta de brio porque, em outras épocas, quem assim fallasse diante de alguns portuguezes, caro pagaria o seu ousar; não se teria por outra cousa que um insulto o palaviado do Sr. Miguel Osorio.

Mas d'onde veio este patusco? Quem o levou à camara dos pares? Quem o fez homem antes de o mandar para a escola? Porque o Sr. Miguel Osorio nem sabe o que seja a Propagação de Fé, nem sabe tão pouco o que é liberdade e educação.

O Sr. Miguel Osorio é um par sem par, mas digno de quem o levou tão alto! A que tempo chegaste Portugal!

Querem os leitores saber de mais uma das muitas tratantadas que todos os dias estão praticando os frades? Pois leiam:

«Na recente exposição d'*Amsterdam*, por decisão do seu jury, foi dado o *premio d'honra* a um *Frade!*—Que escandalol *Frei Manuel Blanco*, religioso de Santo Agostinho, foi quem obteve aquella honrosa distincção pelo seu importante e excellent livro, que se intitula: *Flora das Philippinas.*»

E então, pôde por acaso um governo liberal, consentir que se faça d'isto? Bem faz o governo portuguez que não quer tal gatinha no paiz, e faz *muito bem*, porque se aqui livessemos frades, e sendo elles verdadeiros homens de sciencia, que merecimento teriam esses homens a quem se dá as honras de sabios, e que se cobrem com o pomposo nome de obreiros da civilisação?

E depois Portugal não é paiz que premeie frades; em Portugal os frades, depois de expoliados são apedrejados em meio das praças publicas, para entretenimento da policia, e em nome da liberdade.

Mais outra tratantada de um padre premiado pelo jury da exposição de Amsterdam. O padre Delattre foi n'esta exposição premiado pela sua collecção archeologica de Cartago.

São uns ignorantões, estes padres, estes frades, e todos que envergam um habito religioso qualquer.

Os turcos tambem estão a ir d' *gloria!* Vejamos a seguinte noticia:

«Fundou-se um noviciado de capuchinhos em Boudja, à 2 leguas de Smyrna, paiz turco. Tomaram o habito 13 novicos. A festa foi imponente e edificante, assistindo 3 bispos, auctoridades e grande multidão.»

Em Portugal é que não hade acontecer isto, porque os governos liberaes não querem ir á *gloria*; o que pretendem é levar á *gloria* a bolsa do contribuinte, com a qual jogam ha muitos annos. Primeiro levaram á *gloria* os bens dos conventos, e agora diz-se que querem fazer o mesmo aos bens das irmandades. O povo vae *apontando* sempre e, emquanto trabalhar não irá á *gloria*, levado pelo governo, que ficará com a *gloria* da expolição.

Um viajante inglez, o snr. Ganseron, n'uma obra que ultimamente escreveu, sob o titulo—*Nosso futuro caminho das Indias*, diz, fallando dos frades dominicos e das Irmãs de Caridade:

«A missão mais importante em Mossoul é a dos Padres Dominicicos. Formam o pessoal d'esta missão um delegado do Papa, sete Padres e doze Irmãs. Tem este por auxiliares varios professores indigenas, e o numero dos alumnos das suas escolas eleva-se a mais de 5:000.

«O numero dos fleis é consideravel. Os Padres Dominicicos elevaram uma grande e formosa igreja, além d'uma pequena capella e d'um hospicio, dirigido pelas Irmãs. Tratam estas admiravelmente dos meninos, e distribuem soccorros diarios a mais de 150 ou 200 pessoas, sem distincção de seita nem de religião.»

São uns perfeitos *tratantes* estes frades, e estas Irmãs de Caridade, ora não são? Levantar igrejas, crear hospicios, educar creanças, e, o que é mais ainda, distribuirem soccorros a mais de 200 pessoas! E' necessario ser protestante para tolerar isto! Bem faz o nosso governo que antes quer perder as colonias do que vêr frades!

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

ANNA ALOISI-MASELLA

Traducção do Italiano

(Continuado do n.º 2)

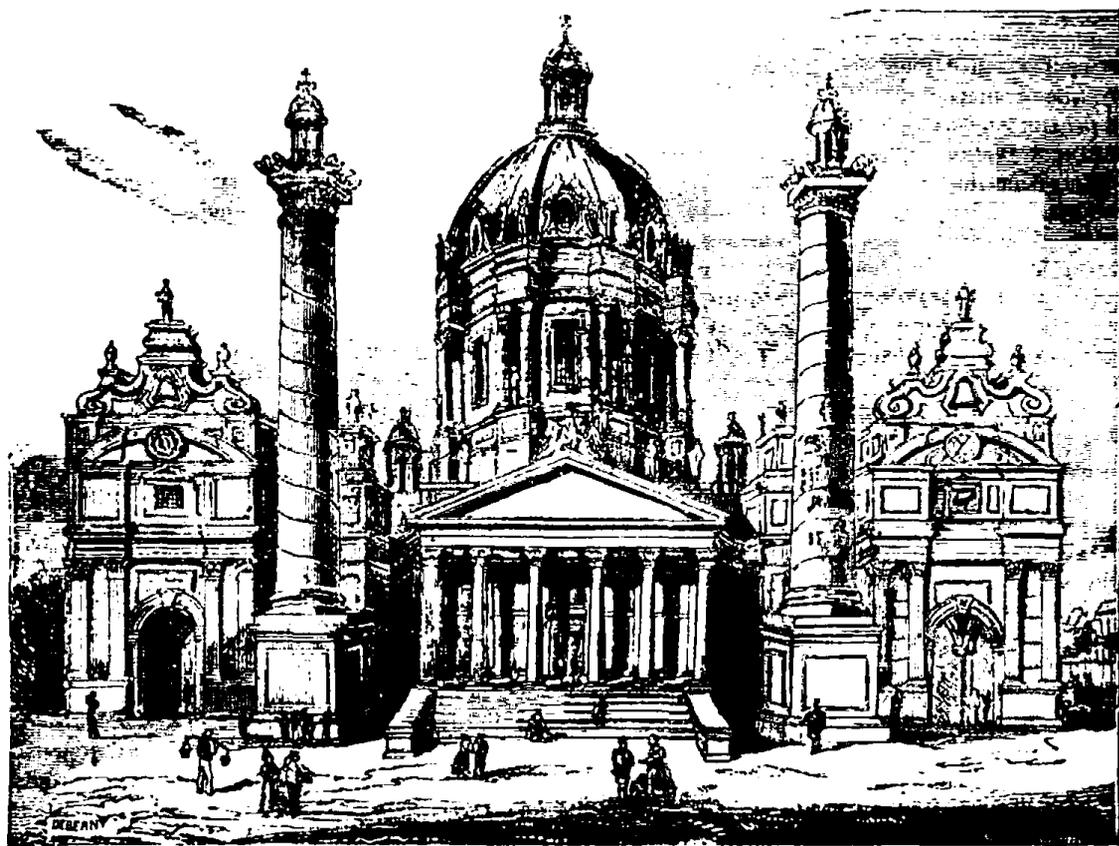
III

O MOSTEIRO que tomava o titulo de Santo Antão Abbade, por causa da bellissima egreja que lhe estava contigua, e que recolhia entre as suas pa-

solicitude singular com que olhavam pelo mosteiro e pelo pensionado o Em.^{mo} Cardeal Alexandre Barnabó, prefeito da Sagrada Congregação da Propaganda, e Monsenhor, hoje Cardeal, João Simeoni, secretario da dita Congregação, a quem estava especialmente incumbido, augmentava a fama e o merecimento do santo instituto. Agora de tudo isto restava apenas a memoria; porque tendo sido fechado o mosteiro e a egreja pela injustiça e impiedade hoje triumphantes, as santas virgens camaldulenses viram-se reduzidas a refugiarem-se, ora n'um ora n'outro convento, até que a generosi-

depressa deu lugar á graça que a encheu de summo contentamento mostrando-lhe n'aquelle sagrado retiro e na companhia das religiosas Madres, o caminho mais facil para chegar á meta dos seus puros e santos desejos. Portanto em tão pouco tempo não só se agradou d'aquella nova morada, mas já lhe parecia ser mais postulante do habito religioso do que educanda e preparar-se para tomar o véo, cuja vista lhe fazia scintillar os olhos e palpitar o coração.

Mas para se tornar digna d'uma tal graça Anna procurava cumprir, com diligencia rara, como ainda hoje o ates-



EGREJA DE S. CARLOS BORROMEU, EM VIENNA

redes muitas virgens, filhas de S. Rinaldo, que alli levavam uma vida exemplar, erguia-se sobre o monte Esquilino ao lado da magestosa basilica Liberiana. A caridade em que ardiam, as levou, dando a isso lugar o amplo e salubre edificio, a offercerem a donzellas de familias illustres e ricas, o meio de receberem uma solida e piedosa educação; e muitas alli concorriam até de logares distantes. A todas presidia com zelo vigilante, prudencia rara e affecto maternal, a veneranda abbadessa Madre Maria Angela de S. Filippe Apostolo; e a

cidade do grande Pio IX lhes offereceu nas solitarias ruas do Aventino uma casa campestre, que ellas mudaram em sanctuario, onde rezam pelos seus perseguidores.

Portanto, pelo fim do anno de 1866, Anna e as duas irmãs mais novas Agatha e Emilia entraram para aquelle piedoso pensionado, alegremente recebidas pelas boas religiosas e pela sua superiora.

Foi decerto bem penoso para o meigo coração da menina o separar-se de seus paes pela primeira vez: mas a natureza

tam aquellas boas religiosas, todos os seus deveres, ainda o mais minimo e sobretudo amiudava e afervorava mais as suas orações a Jesus, a quem já começava a chamar o seu Esposo celeste. Era o exemplo e a admiração de todos, tanto mais que, se bem pela idade e pelo alto da estatura e esbelto do talhe bastante se differencasse das outras alumnas, a sua modestia, docilidade e candura a tornavam semelhante á mais pequena d'ellas. Accresce que o seu anelido e constante amor ás creancinhas, a atrahia em especial para as suas com-

panheiras d'idade quasi infantil ás quaes largueava toda a sua amorosa solicitude. Mas quando lhe era permitido, e de boa vontade se lhe concedia tratava com as religiosas, e particularmente com aquellas que se empregavam nos misteres proprios da casa procurando sempre ajudal-as, pois parecia-lhes que assim se ia adestrando na vida, que esperava seria para sempre a sua. Uma tal diligencia e o talento que tinha, fizeram com que em pouco tempo se aproveitasse muito toda a especie de lições que lhe davam ou fossem de lettras ou de trabalhos proprios de senhora. Pelo que, apesar de ter estado no pensionado apenas 8 mezes, e terem reaparecido no principio da estação calmosa os antigos incommodos, que nenhuns remedios poderam debellar, ainda assim foi ella uma das mais premiadas, quando no fim do anno escolar se fez a distribuição dos premios; e, o que é mais de estimar, foi-lhe dado o premio que as sabias religiosas destinaram á *virtude*, que raras vezes se poderia conceder a uma menina mais virtuosa.

Isto confirmou o conceito que muito acertadamente tinha feito de Anna o Cardeal Barnabé, quando uma vez escrevendo a seu tio, que então estava em Paris, elogiava as suas tres sobrinhas, mas exaltando em especial a mais velha.

Porém como estas honras em nada prejudicaram a sua profunda humildade, que a fazia sentir mui baixamente de si, tambem não diminuíram a grande pena que já havia algum tempo lhe causava a sua saudade mais debilitada. Não era pela doença, que soffria com resignação, mas as suas consequencias, que ella justamente temia, davam-lhe muito que pensar. Ella que já suspirava, e que talvez na sua phantasia ardente via não longe o dia em que o divino Esposo a devia desposar, ella que queria fazer d'aquelle sagrado asylo o seu paraizo terrestre, deveria, depois de ter apenas entrado a porta, deixal-o sem nem ao menos completar a sua educação? Mortificada sobremaneira com taes pensamentos, a piedosa menina supplicava com todo o fervor ao seu Jesus a graça da saude, em arrhas d'outra muito mais preciosa, a dos desposorios celestes.

E aqui vem a proposito notar que, com quanto Anna mais tarde mostrasse preferencia por aquelles institutos religiosos, que mais particularmente se dedicam aos enfermos, comtudo no principio da sua mocidade, como quem pouco ou nada os conhecia, só aspirava a entrar n'uma congregação regular, fosse ella qual fosse. O alvo do seu inflamado coração era consagrar-se a Deus com votos pronunciados n'uma casa religiosa.

Todavia este seu ardente aneio, de

certo muito agradavel ao Senhor, não havia de ser satisfeito dispondo-o assim a divina Providencia para os seus fins inescrutaveis. Anna, como disse um dia quasi prophetisando a veneravel abbadessa de Santo Antão a seu tio: havia de viver e morrer *freira de desejo* (*Monacu di desiderio*). E como bem se verá, não foi a pouca efficacia de tal desejo, mas o seu fraco temperamento que lh'o não deixou satisfazer, e até chegou a arrastal-a bem cedo ao sepulchro.

Os medicos que se chamaram para tratar d'Anna, depois de terem recorrido a varios remedios, julgaram que não devia demorar-se mais tempo no mosteiro; que expunha a sua vida a perigo imminente; que lhe era necessario alem de novos remedios e banhos, uma vida menos presa, e exercicio corporal mais frequente. Profundo foi o desgosto que com isto tiveram as educandas como aquellas boas religiosas e em especial a madre abbadessa; mas quem pôde imaginar, já não digo descrever, a alllicção d'Anna?

Chorou, supplicou que lhe consentissem uma nova experiencia, que a estação estava já mais benigna no mez d'outubro, o qual então começava, e que se podia esperar revigorassem as forças ainda mesmo continuando a viver no claustro. Mas isto pareceu a todos muito arriscado depois da sentença unanime dos medicos e principalmente os paes d'Anna pediram que lh'a restituissem. Com isto era força que tambem cendessem o tio que muito a proposito regressava então da Nunciatura de Paris. Depois de ter insistido para que sua piedosa sobrinha entrasse n'aquelle santo asylo, foi elle mesmo que de lá a tirou no meio das lagrimas de todas, e que separando-a de suas duas irmãs a reconduziu chorosa para casa da familia.

As consolações do affectuoso tio, e mais que tudo a natural docilidade e resignação d'Anna alguma coisa parece que lhe temperaram a dôr que no meio de tudo era agudissima, vendo que lhe tiravam, quando mais segura lhe parecia, a *melhor parte* que escolhera. Mas o verdadeiro balsamo instillou-lh'o do alto, seu divino Esposo, que só a queria provar com sacrificios repetidos e grandemente meritorios, sem que desfallsesse a generosa offerta que de si mesmo lhe tinha já feito a innocente menina. Pôde-se crer com effeito que fosse uma inspiração celeste a que a moveu justamente n'aquelle tempo, a coroar a sua firme e antiga resolução com um verdadeiro voto de virgindade.

Conhecia-se, por muitos indicios que não enganam, que Anna tinha-se unido por voto ao seu Jesus; ignorava-se porém em que occasião. Mas apenas teve logar a sua santa morte, achou-se por traz d'um quadro do Sagrado Coração

de Jesus, diante do qual costumava desabafar os innocentes affectos da sua ardentissima alma, uma cartinha, que parece escripta nos ultimos mezes da sua vida, e que ella com a sua simplicidade singular dirigia ao *Sagrado Coração de Jesus*. Aberta pelo seu confessor leram-se logo no principio estas palavras: «Meu amor! amo-vos mais que a mim mesma. Consagrei-vos a minha virgindade no mez d'outubro de 1867.» Quer o voto fosse feito nos ultimos dias que a joven passou no mosteiro de Santo Antonio, quer logo que voltou para a casa paterna, bem se vê que Anna, abrigada a tornar para o mundo, quiz obter por meio do voto aquillo que tinha procurado na solidão do claustro. E se o seu director consentiu em semelhante cousa é porque a virtude que elle bem conhecia na piedosa menina assim lh'o permitiu. Que elle não se enganou, bem o prova a vida innocente que ella continuou a seguir mesmo no meio dos attractivos do seculo, coroadando-a depois com a mais santa morte. Jesus, que inspirou aquelle acto a sua esposa, moveu o confessor a approval-o. Sem duvida já então descobria elle em Anna o que outro seu director espirital na Baviera declarou n'uma carta escripta depois da sua morte: os dotes que mais brilhavam no character da piissima donzella eram *fé, simplicidade e docilidade*. Anna privilegiada por Deus com taes dons durante a sua peregrinação terrestre, não podia errar um santissimo alvo.

Maria Domingues de Mendonça (Loulé.)

Secção Bibliographica

Apreciação de um livro

A CABO de fechar, depois de percorrido attentamente, o formoso volume da «Apologia insuspeitissima» das Ordens religiosas, colligida pelo snr. João de Lemos.

Esta apologia, alem de ser e porque é insuspeita, é irrespondivel.

«Os Frades» são um formidavel obuz, atirado e explodido no campo liberasta, e composto de estilhaços ardentes, colhidos habilmente n'esse mesmo campo pelo illustre jornalista. A trilogia litteraria dos nossos ultimos grandes escriptores consagrados por uma celebridade incontestada, o visconde de Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, vem successivamente depor em favor d'essas Ordens religiosas, tão ignobilmente deturpadas pelos que as não conhecem e pelos que as não querem, porque a essas associações da cruz e do borel preferem as da trolha e da esquadria. No cortejo d'estes elogios vão tambem outros que não corroboram

pouco os primeiros, os de Camillo Castello Branco, Pedro Diniz, e até do redactor do «Conimbricense», que á ultima hora se lembrou de engrossar o numero dos *Joaquins*.

Se o erudito compilador quizesse, podia ter respigado ainda mais minudamente no terreno do liberalismo portuguez. Os «Ensaio do Pulpito», por exemplo, escriptos pelo Snr. Dr. Ayres de Gouvêa, fornecer-lhe-hiam trechos valiosissimos; mas não era preciso. O que ali fica colleccionado e empilhado no volume dos «Frades» já por si constitue uma pleiade de testemunhos formidaveis, que os demolidores e esconjuradores nacionaes das Ordens religiosas não podem recusar. Leiam elles e meditem essas solemnes palavras apologeticas, e envergonhem-se de que, tendo arrancado a todos os infelizes a solução admiravel do refugio do claustro, só lhes deixassem em troca a solução do suicidio. Exprobaram aos frades a ociosidade da sua vida; e que faz a maior parte dos homens?... como seria feliz a sociedade se podesse condemnar ao repouso e á ociosidade mesma, a inutil e criminosa actividade de tantos dos seus membros! Mas eu conheço um argumento melhor, para rebater a supposta inercia de que accusavam os homens dos claustros, do que é o proprio livro dos «Frades», são as bibliothecas publicas de Portugal...

D'aqui applaudo o benemerito compilador, o snr. João de Lemos, pelo serviço que prestou á verdade. Continúe elle a dar-nos sempre *d'estas peças justificativas* para revindicar outras causas não menos infamadas.

Já agora, dirigir ao estrenuo editor, o Snr. T. de Freitas, elogios animados, para que prosiga nas publicações d'esta indole, seria mais humilhante do que encomial-o.

Lisboa, 8 de março de 84.

PADRE SENNA FREITAS.

Novo Mensageiro do Coração de Jesus.—Com o n.º 37, que recebemos, entrou no 4.º anno de publicação esta interessante Revista dedicada ao *Apostolado da Oração e liga do Coração de Jesus*. Folgamos em dar uma tal noticia, porque, um passo mais, dado na estrada do jornalismo por uma publicação verdadeiramente catholica, como esta, é uma gloria para a Igreja e um triumpho obtido por Ella sobre os seus inimigos.

Desejamos ver protegidas estas obras de propaganda catholica; e bem mais serviços faria quem as propagasse, dando-lhes mais vida, do que creando outras, que nada fazem senão tirar vida ás existentes, sem que consigam vida bastante para as de novo creadas.

Os nossos parabens ao illustradissimo director, a quem nos prendem não só os laços de camaradagem, no campo da imprensa, mas tambem os da amizade, e os de conterraneos.

Recommendo esta Revista, que custa 800 réis por anno, damos o sumario do 1.º n.º do 4.º anno:

Servindo de Prologo—Agradecimento e recommendações—Novo Director Geral do Apostolado.—*Intenção geral* de abril de 1884—*Obra do Apostolado da Oração*.—*Seria-feira Santa*—poesia de C. J. R.—*Confiança em Jesus Crucificado*—soneto de Almeno.—*A Mulher forte*, ou a Condessa Julia—XI. Alguns ensaios de litteratura materna.—*Innocencio IV* não privou do throno nem do governo a D. Sancho II.—*Paz, união e caridade* entre jornalistas catholicos.—*Uma conquista do Cor. de J.* em Paray-le-Monial.—*Novas graças do Cor. de Jesus*.—*Revista dos interesses do Cor. de J.*—Programma eleitoral do partido catholico belga—Pessoas canonizadas e beatificadas desde o anno de 1500—*Progressos do Apostolado da Oração em Hespanha*—*A dotação do clero e o philosopho Diderot*.—*Carta 28.ª a um velho portuguez na Asia*—1.º—Ainda a pastoral do Snr. Patriarcha sobre deveres do clero e devoção ao SS. Cor. de Jesus, etc.—2.º—*Necrologios*.—3.º—*Noticias da China e cartas de Tete, Quelimane e Negapatam*.—4.º—*Partida de missionarios para a Zambesia e para Huila*.—*Intrigas contra os missionarios catholicos*.—*Amigos do SS. Cor. de J.*—Anna Aloisi-Masella.

Archivo dos Açores—Recebemos os n.ºs XXIII e XXIV, correspondentes ao volume 4.º, d'esta publicação destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana.

Tratam estes dois numeros, que formam um volume de 267 paginas, dos Corte-Reaes. O *Archivo dos Açores* é uma das publicações mais curiosas e de mais importancia que conhecemos feitas em Portugal, e estamos convencidos de que passados alguns annos esta obra será procurada e consultada por todos aquelles que se entregarem aos estudos historicos dos Açores.

Agradecendo a offerta dos numeros que nos tem sido enviados, recommendamos aos estudiosos tão util e interessante publicação, e desde já annunciamos aos illustradissimos redactores, que breve tomaremos a liberdade de requisitar os numeros que nos faltam desde o principio, para termos a colleção completa, á qual daremos o lugar, que na nossa humilde livraria, costumamos dar ás obras que mais dignas são de apreço, de alta estima, e de serem manu-

scadas por quem se preza de querer saber as glorias patrias.

Theologia moral de Pedro Seavini, obra vertida para portuguez sobre a XII edição latina pelo Padre José d'Almeida e Silva, contendo a disposição da nossa legislação.—Fomos obsequiado com o fasciculo 45, que comprehende as paginas 193 a 272, do 5.º e ultimo volume. Continua a merecer a estima de todos os sacerdotes, e cremos que o editor se não haverá arrependido de tal edição empreender.

Muito desejamos vel-a concluida brevemente, porque é um magnifico auxiliar não só para o clero, mas mesmo para pessoas que se desejam instruir e não conhecem a lingua latina.

Os 4 volumes publicados custam réis 60900, e podem ser adquiridos requisitando-se ao editor em Vizeu, o Snr. José Maria d'Almeida, ou ao director do Centro de propaganda Catholica em Portugal, rua de S. Damazo, Guimarães.

Agradecemos os fasciculos que temos recebido e muito desejavamos que o illustrado editor nos enviasse os fasciculos que nos faltam, e já foram pedidos, o que desde já agradecemos.

Exercicios de calculo, e problemas de arithmetica, algebra e geometria plana.—Obsequiados pelos editores com um exemplar d'este livro, não podemos mais que agradecer-o, porque nos faltam conhecimentos para apreciar um tal trabalho. Somos completamente estranhos a tal sciencia; não podemos fazer calculos. Todavia, attendendo a que este trabalho é coordenado em conformidade com os programmas do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anno do curso dos institutos secundarios, e do 1.º, 2.º e 3.º anno das escolas normaes, e sendo seu auctor o snr. Antonio da Silva Dias, official do exercito, quer-nos parecer que o livro em questão será de grande utilidade para os estudantes que a tal materia se dedicarem. Este volume, que custa 500 réis, é a primeira parte e trata dos *Enunciados*.

E' editora a livraria Clavel & C.ª, rua do Almada 123—Porto.

A. DE GUIMARÃES.

Secção Illustrada

I

O condestavel

D. Nuno Alvares Pereira

O HOMEM de que hoje damos o retrato foi um dos mais valentes guerreiros do seu tempo e dos vultos mais sympathicos da nossa historia. Filho

do prior do Hospital D. Alvaro Gonçalves Pereira e de D. Iria Gonçalves de Carvalho, teve por patria o Bom Jardim, perto de Santarem, ali pelos annos de 1360.

Aos 15 annos foi armado cavalleiro por D. Leonor Telles, e pouco depois dos 16 annos, bem contra sua vontade, uniu-se matrimonialmente a D. Leonor Alvim, rica herdeira de Entre Douro e Minho, viuva já d'um cavalleiro, apesar dos seus poucos annos.

Pouco depois d'esta epocha assistiu D. Nuno Alvares Pereira ás guerras do Alemtejo, praticando actos de valentia, retirando-se depois de firmada a paz para as suas terras no Minho. Voltando a Lisboa para assistir ás exequias de D. Fernando aconselhou ao Mestre de Aviz, de quem era intimo amigo, a que matasse o conde Andeiro, e, apesar de estarem alguns de seus irmãos pelo lado de Castella, D. Nuno alistou-se desde logo sob as bandeiras da patria, e quando rompeu a guerra contra Castella D. Nuno foi dos primeiros a collocar-se ao lado do Mestre d'Aviz, que o nomeou fronteiro do Alemtejo, com todos os poderes para punir e premiar. O valente soldado principiou por sujeitar varias praças até que se encontrou com o exercito castelhano nos campos de Atoeiros, onde o exercito portuguez, commandado por D. Nuno ficou victorioso e coberto de gloria o joven general. Esta batalha alentou os portuguezes e levou o desanimo ás numerosas forças de Castella. Nomeado condestavel do reino, praticou proezas que fazem pasmar hoje os homens de guerra, e na batalha de Aljubarrota coube-lhe o primeiro lugar entre os mais dístros cavalleiros.

As mercês e doações que lhe fizera D. João 1.º tornaram-o o mais poderoso senhor de Portugal, e pelo casamento de sua filha D. Beatriz com o Conde de Barcellos, filho bastardo de D. João 1.º, tornou-se o condestavel tronco da casa de Bragança.

Acompanhando D. João 1.º á Africa foi ainda a espada de D. Nuno a que mais fulgira, e sempre os lampejos d'essa valente espada scintillaram até que em 15 de agosto de 1423, anniversario da batalha de Aljubarrota, se recolheu ao convento do Carmo, em Lisboa, fundação sua, onde viveu santamente, morrendo em 1 de novembro de 1431.

D. Nuno foi sempre um fervoroso catholico, e tanto que um dia, quando os seus cavalleiros julgavam perdida uma batalha, e não o vendo no campo, foram encontral-o entre umas penhas, de joelhos a resar. Voltando ao campo venceu a batalha.

Eram assim os antigos portuguezes: trabalhavam por Deus e pela patria.

II

Egreja de S. Carlos Borromeu, em Vienna

Sempre os principes christãos procuraram perpetuar seus nomes com obras que os seculos não fizessem desaparecer, como acontece com essas celebrações que os principes de hoje procuram adquirir em meio de bailes luxuosos e de festas theatraes.

A igreja de S. Carlos Borromeu, edificada n'um dos bairros de Vienna d'Austria, é uma prova do que deixamos dito, pois que foi edificada por mandado de Carlos IV, como satisfação de um voto que fizera, ao implorar do céo o desaparecimento da peste que dizimava a povoação do imperio, e enlutava as familias principaes da cõrte.

E' uma edificação esplendida, e que demonstra assás o braço imperial que a fizera executar. A cupula immensa que se eleva ao centro é de uma magestade pouco vulgar e todo o trabalho revela o aprimorado gosto que presidiu á sua confecção. Aos lados erguem-se dois obeliscos de gosto esbelto, que dão realce ao todo do edificio.

No interior é o templo rico em tudo, não desdizendo nada do que espera quem primeiro observa o exterior, e do conceito em que é tida esta igreja como a primeira da capital da Austria.

Hoje os principes gastam o que é seu, e o que é dos subditos em luxuosas passatas, em jantares e caçadas apparatusas, e quando morrem, ninguem d'elles se lembra, porque não fizeram obras que passem através de seculos a attestar a grandeza de animo de quem as edifica.

Em Portugal muitos principes tivemos que deixaram seus nomes vinculados a obras grandiosas, e por isso seus nomes são hoje louvados pelas presentes gerações.

R.

Retrospecto da quinzena

As ultimas noticias que nos chegaram do illustre enfermo, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Nicolau Pereira de Mendonça Falcão, pelas melhoras de quem pedimos em um dos passados numeros, são, felizmente, consoladoras. Os medicos davam o doente entrado em convalescença.

Louvemos ao Senhor, e peçamos-lhe conserve uma vida tão preciosa para a causa catholica e para a pobreza. A's orações dos nossos leitores deveriam juntar-se certamente as da alma do immortal Pontífice Pio IX, porque o Ex.^{mo} Mendonça Falcão foi dos que primeiro nos enviou uma franca e energica adhesão ao protesto que o *Progresso Catholico* e a Comissão do monumento lavraram

contra as demasias da Revolução na cidade de Roma.

Continuemos todos a pedir as melhoras de tão prestimoso cavalleiro.

Os nossos irmãos da cidade dos arcebispos preparam-se para festejar ruidosa e solemnemente o centenario da sagração do magnifico templo do Bom Jesus do Monte, que se verifica no dia 1 de junho proximo.

Enthusiasma-nos a vontade com que os bracarenses se põem em campo todas as vezes que se trata de uma festa catholica e patriotica ao mesmo tempo! E é por isso que não podemos ficar silenciosos, que não podemos deixar de bradar bem alto—ao Bom Jesus do Monte, catholicos de todo o Portugal!

Sim, ao Bom Jesus do Monte, a affirmar com a vossa presença a vitalidade que, mau grado dos seus inimigos, apresenta o Catholicismo em meio do seculo das ruinas, do seculo, que não lança ás feras os christãos, mas que lhe rouba os templos e os conventos para os lançar á rebatinha dos endinheirados, dos homens sem consciencia, que perseguiriam até aos presidios de Africa quem comprasse um feixe de couves que um pobre lhe roubasse, e que não tem pejo de comprar propriedades a quem não tem direito de as vender.

N'este seculo, pois, todas as demonstrações de adhesão á Egreja devem ser bem recebidas por todos, e por todos secundadas, e porque não ha muitos povos como os de Braga, palmejem as suas deliberações e a ellas nos associemos de boa vontade; porque os bracarenses não descançam, nem se empenham em cousas, por mais grandiosas que pareçam, desde o momento que posam pear-lhe os planos de qualquer feito.

O dia 1.º de junho será dia de festa não só em Braga, mas em todo o reino, porque o sanctuario do Bom Jesus é uma das glorias de Portugal.

Bravo, bracarenses, e ávante!

As Irmãs da Caridade! quem falla d'ellas sem se curvar reverente? quem passa por ellas, sem desejos de lhe cahir aos pés e beijar-lhos agradecido?

O seguinte facto, se não tivéssemos na historia de todos os povos milhares d'elles iguaes, era bastante para a nossa admiração.

Ha dias, diz um collega nosso de Paris, travára-se entre a superiora das Irmãs da Caridade, de Angers, e uma Irmã que fôra chamada á sua presença, o seguinte dialogo:

—Minha filha, dez leguas distante de aqui ha um nosso irmão, presa de uma molestia tão terrivel, que ninguem o quer tratar; quereis vós ser a sua enfermeira?

—Da melhor vontade, minha boa mãe.

—Mas, pensae bem, este doente é por

todas as formas que o olhemõs repugnante. O rosto é uma chaga viva e todo o seu mal é contagioso. Os medicos dizem ser perigosissimo o tratar d'elle, e no entanto, nós, que estamos na terra para cuidar dos desgraçados, temos obrigação, custe o que custar de...

—Querida mãe, aqui está uma filha vossa, prompta para tudo em que possa servir a Jesus.

—Parti, pois, minha filha, e o nosso bom Jesus vos acompanhe.

E a irmã partiu! Poucos dias depois, victima do contagio da molestia que foi tratar, morreu, indo sua alma receber no céo o premio da sua caridade.

Não se esqueça de que esta heroina era das congregadas da Ordem de S. Francisco. Era irmã d'esses anjos que nós vemos passar pelas ruas e praças da nossa cidade, porque os irmãos terceiros de S. Francisco, seja qual fôr o paiz d'onde procedam, são todos irmãos, todos são filhos do Patriarcha da penitencia, do Seraphim d'Assis.

O facto mais importante da quinzena, diz o correspondente de Pariz para um periodico de modas madrileno, e o que mais chamou a attenção do *high-life* pariziense foi a conversão e baptismo de M.^l Nevada, cantora da Opera Comica.

Ha mais de um mez que nos circulos aristocraticos se não fallava de outra cousa. A conversão ao catholicismo de uma cantora da Opera Comica correu de bocca em bocca e o grande mundo pariziense preparou-se para assistir à grande cerimonia. *Toilettes* especiaes foram encomendados; os cartões distribuidos pelos *padres* da Paixão, na igreja de quem havia ter logar a cerimonia, eram pedidos e obtidos com grande empenho; as embaixadas mandaram as listas do pessoal diplomatico, para poderem assistir a tão fallada cerimonia.

M.^l Nevada, porém, obedecendo aos conselhos do seu director espirital e R.^{mo} Padre Kelly, e para se livrar da presença dos importunos, adiantou dois dias a época do baptismo, e no dia 4 do março, na igreja da *Avenue Hoche*, esplendidamente illuminada, recebia o Padre Kelly nos humbraes da Igreja Catholica, uma joven trajando um simples vestido branco, e com modesto ramo de lyrio dos valles, em uma das mãos.

Esta joven era M.^l Nevada, acompanhada por sua madrinha M.^{mo} Mackay, que ostentava um formoso traje côr de saphira, guarnecido de pelles. A neophita fez sua profissão de fé antes de entrar no seio da Igreja, e o acto do baptismo foi assignado na sacristia por todas as pessoas presentes.

M.^l Nevada diz publicamente que o passo que acaba de dar foi por sua vontade e por uma profunda convicção em

que estava de que ia entrar no seio da verdadeira religião.

Em pleno seculo das *luzes* conversões ao Catholicismo!! Será para que a Religião Catholica acabe? Será, será!

Todos os catholicos portuguezes cohecem o caracter nobilissimo do Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Bispo d'Angra; mas como ha tambem almas, tão chatamente pequenas que fingem não o conhecer, vamos dar a reproducção de uma noticia que encontramos no *Jornal de Estarreja*. Eil-a:

«Com data de 29 de janeiro do corrente anno, publicou uma pastoral ácerca da Bulla da Cruzada, o ex.^{mo} sr. D. João Maria do Amaral Pereira Botelho, muito digno bispo dos Açores. Este respeitavel prelado foi algum tempo chantre da sé de Bragança, depois deão da sé de Leiria, d'onde foi chamado a reger algum tempo o seminario de Sernache do Bom Jardim para as missões ultramarinas. Foi despachado para bispo de Macau em 1866 e transferido para Angra em 1871.

S. exc.^a é natural da villa de Oleiros, no Patriarchado, e nasceu a 21 de agosto de 1815.

E' prelado muito virtuoso e caritativo e de uma delicadeza proverbial. Tem publicado varias obras religiosas e scientificas, e entre estas a bem conhecida obra, intitulada—«Sciencia da Civilisação»—livro muito util para todas as classes da sociedade.»

Não carece S. Ex.^a R.^{mo} d'estes testemunhos de apreço e consideração; mas em todo o caso nós sempre os vamos aproveitando, para *metter ferro* aos seus inimigos, que são nada n'este mundo.

De Castello Branco foi-nos enviada a seguinte noticia, que gostosamente publicamos:

Teve logar no dia 3 do corrente mez uma festividade commemorativa do 6.º anniversario da Coroação do SS. Padre Leão XIII como Summo Pontífice da Igreja Catholica.

Esta solemne commemoração foi iniciada pelo Ex.^{mo} Director d'este Curso Ecclesiastico Dr. Antonio Manuel Telles de Paiva e foi secundado pelos outros professores e alumnos d'este mesmo Curso. Constou a festa de missa cantada pelo Ex.^{mo} Director com o SS. Exposto no elegante throno da igreja matriz d'esta cidade no fim da qual se cantou um solemne *Te-Deum* em acção de graças por tão fausto motivo. A esta solemnidade assistiram os Ex.^{mos} Snrs. professores, Clero, alumnos e empregados do mesmo Curso, e bastante povo.—A Igreja estava adornada convenientemente; e a Missa e *Te Deum* executada pelos alumnos sob a direcção do distincto Professor de Canto-chão e do Padre José Antonio Proença e acompanhada a órgão produ-

ziu muito bom effeito, principalmente pela gravidade do culto.—Pelas 12 horas houve no Paço Episcopal na parte do Edificio destinado às aulas d'este Curso Ecclesiastico uma sessão solemne congratulatoria, na qual assumindo a presidencia o Ex.^{mo} Director do Curso fallou sobre a necessidade e excellencia da instituição por Jesus Christo do Summo Pontificado da Igreja Catholica, e depois d'esta demonstração dissertou sobre a obrigação que teem todos os Clerigos de dar as provas mais solemnes de adhesão à cadeira de S. Pedro.

Desde que o Ex.^{mo} Dr. Antonio Manuel Telles de Paiva assumiu a Direcção d'este Curso Ecclesiastico tem procurado por todos os meios a par da educação litteraria e scientifica, uma boa educação ecclesiastica dos alumnos.

Usando da palavra o Ex.^{mo} Director fallou sobre a necessidade do estudo das Sciencias Theologicas, animando os alumnos ao estudo e á pratica constante do bem—; fallou com toda a pureza do estylo.

Fallou em seguida o Alumno Cardoso sobre a gravidade e influencia do Clero Catholico—e depois o Padre Proença sobre a excellencia da Igreja Catholica e a necessidade da instrucção do Clero.

Por ultimo o Ex.^{mo} Director fazendo uma recapitulação d'estes discursos agradeceu a todos os que se dignaram assistir a esta solemnidade.

A Republica do Equador está dando lições aos governos catholicos da Europa, lições que elles, os taes governos de paizes catholicos deviam aproveitar, se tivessem, como não tem, infelizmente, um pouquinho de senso. Digamos, pois, que a Republica do Equador, depois de se livrar do dictador Veintimilla, quiz ter a sua Constituição, e de facto, tem uma Constituição.

Mas, não pensem nossos leitores que esta Constituição é como muitas Constituições que foram *doadas* a varios paizes da Europa. Não, senhores. A constituição do Equador, principia por declarar que a Religião Catholica Apostolica Romana é a Religião do Estado, E A UNICA QUE SE TOLERA, e que o governo SE OBRIGA A DEFENDEL-A POR TODOS OS MODOS E MANEIRAS QUE O EXIJAM AS AUTORIDADES ECCLESIASTICAS.

Vê-se que o novo governo é digno de presidir aos destinos de um povo que teve por chefe Garcia Moreno.

Recebemos o *Relatorio da Associação Clerical Vimaranesense*, no anno de 1883, e folgamos em vêr que esta Associação não desmerece de anno para anno, do conceito em que a temos, e que a seu respeito fazem os homens que prezam os

progressos da terra que os viu nascer.

A' digna direcção os nossos parabens e agradecimentos.

J. DE FREITAS.

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos assignantes de Barcellos e Espozende de que, para lhes evitar incommodos e despe-

zas, mandamos os recibos dos seus debitos ao R.^{mo} Snr. Padre Emilio Augusto da Esperança Machado, de Barcellos, que faz o favor ser correspondente do Centro de Propaganda Catholica em Portugal, e a quem podem ser satisfeitas as assignaturas.

Aos nossos assignantes que

nos tem pedido a collecção completa do «Progresso Catholico» participamos que mandamos reimprimir alguns numeros do 1.º anno para completar o mesmo volume, que já está completa a reimpressão, e que por isso em breve satisfaremos a todos os pedidos, enviando os 3 volumes publicados.

TEIXEIRA DE FREITAS.

OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.^{mos} Snrs. e as Ex.^{mas} Snr.^{as}:

José de Mello Nunes.....	2	Padre Luiz Manuel dos Santos Valente.....	4
Um amigo do <i>Progresso Catholico</i> , da Ilha da Madeira.....	14	Padre Francisco de Paula Pinto.....	2
Padre F. Amancio d'Almeida Mendes.....	3	Padre João Eduardo Lopes de Moraes.....	12
Padre Matheus J. Pereira.....	1	Padre Francisco Antonio d'Araujo Magalhães....	2
Vigario Manuel F. dos Santos Peixoto.....	4	J. R. dos Santos Gomes.....	3
Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima.....	4	Manuel José da Cunha.....	2
Frei Joaquim Rego.....	1	Joaquim Antonio dos Reis.....	1
Prior J. Martins Duarte.....	2	Padre Linhares.....	1
Bernardino Alves Pereira de Magalhães e Moura	2	Francisco Firmino Fernandes de Moura.....	1
Padre J. Rabaça de Carvalho.....	3	Padre João R. de Passos Pinto.....	2
João Chrysostomo R. de Faria.....	1	Padre Daniel Tavares Nogueira.....	1
Padre Joaquim José Coelho de Cerqueira.....	1	João Ferreira do Rozario.....	7
Padre Joaquim José Carvalho.....	1	D. Maria da Piedade Pinto Guedes.....	5
Padre José Antonio da Rocha.....	4	Padre Manuel José Valente.....	2
D. Maria José Gaires Camacho.....	7	Feliciano Antonio Gonçalves Pereira.....	2
Manuel Antonio Affonso.....	5	Manuel Dias da Silva Carneiro.....	3
		Padre Joaquim José da Cunha.....	2

ANUNCIOS

SETENTA E CINCO MEDITAÇÕES

SOBRE A

PAIXÃO

de Nosso Senhor Jesus Christo

POR

Um Religioso Trapista, da Abbadia de Septe Fontes

Traduzida da nova edição franceza

POR UMA DEVOTA

1 voluminho de 160 pag. 70 reis, pelo correio

Pedidos a Teixeira de Freitas

S. Damaso—Guimarães

ULTIMAS PUBLICAÇÕES RELIGIOSAS

APPROVADAS

Pelos Em.^{mos} Snr. Cardeal-Bispo do Porto e Rv.^{mo} Arcebispo Primaz de Braga

THESSOURO MYSTICO

Obra muito util a todo o christão que

deseja saber o modo como se deve conduzir n'este mundo, com muitos exemplos e meditações para a oração mental, *Morte e Paixão de Jesus Christo*, e outras muitas devoções e orações collidas das obras asceticas do Sapiientissimo

Santo Affonso Maria de Ligorio

Terceira edição mais correcta e augmentada pelo seu author o Missionario Apostolico João Manoel de Souza Teixeira.

1 vol. de 480 pag. encadernado—360

BREVE COMPENDIO

ou

RAMALHETE DE ORAÇÕES E DEVOÇÕES

Actos para a preparação da oração mental, adoptada pelos missionarios; assim como os versos que se cantam nas Missões—terceira edição muito augmentada conforme pareceu conveniente ao

Rv.^{mo} Snr. Padre Fr. Manoel Marinho Alves da Silva.

1 vol. de 357 pag. encadernado—240

DIRECTOR ESPIRITUAL

DAS

ALMAS DEVOTAS E RELIGIOSAS

Extrahido das obras de S. Francisco de Salles e Santo Affonso Maria de Ligorio, com devotos pensamentos sobre o SS. Sacramento para o lausperenne de todos os dias da semana; e Missa meditada na Paixão de N. S. Jesus Christo.

1 vol. encadernado—240

CARTILHA DA DOCTRINA CRISTÁ

Composta pelo Abbad de Salamonde A. J. de Mesquita Pimentel—nova edição da Livraria Portugueza—1884.

Preço—encadernada—100

Todas estas obras se acham á venda em casa do editor—Livraria Portugueza, de Joaquim Maria da Costa—Porto—Largo dos Loyos n.º 55 e 56—Em Guimarães, na Livraria de Teixeira de Freitas—Rua de S. Damaso.